

ARQUEOLOGIA, CRANIOMETRIA E INTELIGÊNCIA: NOTAS A PARTIR DAS ESCAVAÇÕES NO BRASIL DOS OITOCENTOS.

MARÍLIA OLIVEIRA CALAZANS

(FFLCH/USP) E-mail: mariliaocalazans@yahoo.com.br

Resumo: Neste artigo, propomos investigar como estas teorias gerais da ciência ocidental influenciaram e refletiram em um contexto bastante específico: as escavações arqueológicas realizadas no Brasil entre as décadas de 1840 e 1890, conduzidas por investigadores brasileiros e estrangeiros, vinculados a instituições diversas. As publicações destas pesquisas compuseram uma ideia do que seria o *homem pré-histórico* brasileiro, em sua antiguidade, modo de vida e características raciais e intelectuais. Estas últimas seriam inferidas a partir do entrecruzamento de quatro dados fundamentais, a saber: (i) capacidade craniana; (ii) produção artefactual associada aos esqueletos; (iii) dados etnográficos e - arrisque-se - (iv) uma preconcepção do que deveria ser este *homem* pré-histórico.

Palavras-chave: Arqueologia; Craniometria.

Abstract: In this article, we propose to investigate how the general theories of Western science influenced and reflected in a very specific context: the archaeological excavations conducted in Brazil from the 1840s and 1890s, led by Brazilian and foreign researchers linked to several institutions. The publications of this research comprised an idea of what would be the Brazilian prehistoric man in their antiquity, lifestyle and racial and intellectual characteristics. The latter would be inferred from the intersection of four key data , namely: (i) cranial capacity; (Ii) artifactual production associated with skeletons; (Iii) ethnographic data and - risk- (iv) a preconception of what should be this prehistoric man.

Key-words: Archaeology; Craniometry.

Introdução.

O estabelecimento dos paradigmas sobre evolução e antiguidade da terra e dos seres humanos, dado em meados do século XIX – sobretudo a partir das publicações de Charles Lyell, nos anos de 1830

e de Charles Darwin, no fim dos anos de 1850 –¹ seguiu uma tradição no pensamento europeu que se pode dizer anterior mesmo à cientificização intelectual, porque tem raízes na filosofia iluminista. Os pensadores da corrente intelectual das luzes lançaram os pressupostos sobre os quais se assentariam a ideia de civilização e modernidade, desde o século XVIII.²

Tais pressupostos, por sua vez, edificaram-se a partir de noções idealizadas de perfectibilidade, natureza humana, governança, relações sociais e econômicas. Depois de longa trajetória no pensamento filosófico, estes conceitos ganharam contornos de cientificidade, “confirmados” por dados empíricos no século XIX, quando ocorre o fenômeno de disciplinarização do conhecimento, ao mesmo tempo em que antigos axiomas do pensamento ocidental eram paulatinamente superados pelas novidades do mundo científico.

A empiria era um dos grandes trunfos da argumentação científica do período, que percorria um caminho intelectual em busca da “verdade”, mais ou menos alheia aos dogmas, sobretudo religiosos, que circundavam o pensamento europeu. Neste sentido, refletir sobre o raciocínio que conectava os dados empíricos a novos ou velhos modelos interpretativos sobre o mundo é um exercício que pode revelar a ideologia acomodada nas práticas científicas daquela centúria.

Os homens de ciência do século XIX também dedicariam seu *metier* para compreender e/ou gerar diferenças e desigualdades entre os povos humanos, tema para o qual há referências também muito antigas. Em novo contexto – dessa vez, a expansão do modelo econômico industrial na Europa, fundada no novo imperialismo que subjugou África, Ásia, além de territórios em todos os cantos do mundo –, a ciência trabalhava na difusão de evidências que naturalizassem a supremacia europeia sobre outros povos do planeta.

A *sciencia universal*, geradora de macro modelos de compreensão do mundo a partir dos círculos de *savants* na Europa e – em menor escala – nos Estados Unidos e Canadá, consolidava-se a partir da produção dos viajantes até os mais distantes rincões do mundo, que resultaram em produções botânicas, etnográficas, arqueológicas, antropológicas e literárias. Tais produções arquitetaram uma visão mais ou

¹ LYELL, Charles. *Principles of geology*. 1ª ed. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1990. 2 vol; DARWIN, Charles. *On the Origin of species by means of natural selection*. Londres: John Murray, 1859.

² O justo significado da palavra iluminismo evoca a ideia das luzes do conhecimento, do progresso, contra a ignorância. Cf. KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (Aufklärung). In: Textos Seletos. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

menos confluyente sobre o *outro*, qual seja, o primitivo, o bárbaro, o oriental, os “povos na infância”, etc³. Os alicerces deste olhar sobre este(s) outro(s) advinham da constatação de algumas características/deficiências nos mesmos, destaque-se, senso moral ausente ou deturpado, ausência de Estado, fanatismo religioso ou crença em superstições, tecnologia primitiva e rústico sistema simbólico, por exemplo.

Se todos estes caracteres não podiam classificar homoganeamente todos os povos do mundo sob olhar da ciência ocidental, podem indiciar o sistema de referência desta classificação. Chamamos *sistema*, pois nele estão aglutinadas dimensões (talvez) arbitrárias do ser humano, de forma a compor um paradigma a partir do qual se analisa e se classifica o outro.

A evolução da espécie humana apontada pelas ciências naturais foi incorporada à narrativa histórica do ocidente, cujo fim apontava para o homem branco europeu evoluído biológica e culturalmente.⁴ Nesta narrativa, existe um *homem primitivo [primeval]*, que vive em um tempo pré-histórico que, aos poucos, incorpora ao seu modo de vida, por sua capacidade intelectual, elementos da vida social do ocidente, como o Estado e o monoteísmo. É exemplar dessa assertiva o seguinte trecho do escocês-canadense Daniel Wilson, em seu livro *Prehistoric Men*, de 1862:

The arts and intellectual civilisation, born at the very dawn of history in the great river-valley of Egypt, give form to the social life in England in her nineteenth century. The Divine law given forth from the lightnings of Sinai, and the faith and morals nurtured among the hills of Judah, while yet the British Isles were savage-haunted wastes; the intellect of Greece, the military prowess of Rome, [...] it becomes a curious question how much pertains to the man, and how much to this strange development we term civilisation, of which he is in part the author and in part the offspring?⁵

Antes de qualquer coisa, é necessário considerar como este sujeito ocidental moderno tem na ciência um importante elemento constituinte de sua identidade. Por outro lado, como este outro sujeito,

3 A equiparação do estado de barbárie ou primitivismo com a infância do processo de civilização aparece em diversas referências, como em Varnhagen, o historiador do IHGB e em John Lubbock, um dos primeiros intelectuais a utilizar o termo “pré-história”. VARNHAGEN, Francisco A. de. História Geral do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1978 [1854], p. 30; LUBBOCK, John. Pre-historic times, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages. Edimburgo; Londres: Williams and Norgate, 1865, p. 464.

4 INGOLD, Tim. A Evolução da Sociedade. In: FABIAN, C. (org.) Evolução: Sociedade, Ciência e Universo. Bauru: EDUSC, 2003.

5 WILSON, Daniel. Prehistoric Man: Researches into the origin of civilisation in the old and the new world. 2 vol. Cambridge: Macmillian and Co., 1862, p. 3.

o primitivo, representa, a um tempo, o remoto passado ocidental e o atual estado das sociedades ditas bárbaras.

Neste artigo, propomos investigar como estas teorias gerais da ciência ocidental influenciaram e refletiram em um contexto bastante específico: as escavações arqueológicas realizadas no Brasil entre as décadas de 1840 e 1880, conduzidas por investigadores brasileiros e estrangeiros, vinculados a instituições diversas. As publicações destas pesquisas compuseram uma ideia do que seria o *homem pré-histórico* brasileiro, em sua antiguidade, modo de vida e características raciais e intelectuais. Estas últimas seriam inferidas a partir do entrecruzamento de quatro dados fundamentais, a saber: (i) capacidade craniana; (ii) produção artefactual associada aos esqueletos; (iii) dados etnográficos e - arrisque-se - (iv) uma preconceção do que deveria ser este *homem* pré-histórico.

O homem brasileiro pré-histórico.

A primeira publicação que considerou - e demonstrou - evidências da antiguidade humana no território brasileiro partiu da pena do célebre paleontólogo dinamarquês Peter Wilhelm Lund, constatada em suas intensas escavações nas cavernas do carste brasileiro, região dos arredores de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Naqueles idos dos anos de 1840, a baliza cronológica do tempo histórico era o (um) dilúvio que teria erradicado da terra as primeiras formas de vida da criação.⁶ Este dilúvio fora a explicação encontrada por muitos intelectuais e cientistas para justificar a existência de fósseis de animais extintos.

Até Lund, não havia apontamentos sobre a existência de esqueletos humanos associados a animais extintos. Para o grande mestre da geologia e da paleontologia, Georges Cuvier, a existência de um *homem pré-diluviano* ou mesmo de ossadas humanas fossilizadas era uma hipótese descartada. Naquele contexto, a ciência bastante incipiente no Brasil, especialmente a reunida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), não tinha posto em pauta o estabelecimento de uma idade para a raça nativa brasileira, fosse ela autóctone, ou migrante de outras regiões do globo.

Era, todavia, consensual que a população nativa do “Novo Mundo” portava características raciais inferiores. Neste período, os arqueólogos e antropólogos que trabalhavam no Brasil buscando evidências

⁶ CUVIER, Georges. *Discurso sobre as revoluções da superfície do globo* e sobre as mudanças que elas ocasionaram no reino animal. Trad. Fco. Ferreira de Abreu. São Paulo: Ed. Cultura, 1945[1826], pp.202-3; LUND, Peter W.. *Memórias sobre a Paleontologia Brasileira*. Revisão e Comentários: Carlos de Paula Couto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; Instituto Nacional do Livro, 1950 [1844], p. 81.

e explicações sobre o povoamento do continente americano em particular, e do globo no geral, se pautavam basicamente em quatro tipos de evidências: (i) os esqueletos supostamente pré-diluvianos escavados por Lund; (ii) os *mounds* marajoaras, concebidos analogamente aos *mounds* do Vale do Mississipi;⁷ (iii) os sítios cocheiros do litoral (sambaquis); (iv) as populações indígenas, especialmente, os botocudo do interior do país. Pelos meandros da etnologia, linguística, arqueologia ou antropologia, geravam-se especulações a respeito da origem autóctone ou migrante da raça americana.

O resultado das análises de dados gerados pelas escavações dependia do sentido interpretativo de cada autor. O pioneiro Peter Lund, por exemplo, constatou a impossibilidade de as raças americanas serem descendentes de povos do Velho Mundo, pela sua formação craniana prognata, isto é, de conformações maxilares alongadas. Pergunta-se como pode ser plausível esta hipótese se a marcha natural da natureza ruma “do imperfeito para o perfeito”, isto é, do prognatismo dos povos primitivos e americanos para o ortognatismo dos crânios europeus, e jamais o inverso.⁸

[...] tomo a liberdade de mandar junto, para ser oferecido ao Instituto, o desenho da parte superior de um d'estes craneos. Os anatomicos sem duvida extranharao a sua singular conformação, a ponto talvez de duvidarem ser da *nossa especie*, o que me aconteceu tambem até o ter verificado por um exame circunstanciado.⁹

Vinte anos após Lund ter apontado, sem grande ressonância entre os círculos científicos do Brasil, a possibilidade da existência de uma raça americana, antiga e autóctone, outro tipo de vestígio arqueológico ganhou certa evidência, a partir dos estudos do conde francês de la Hure.¹⁰ No final da década de 1860, o conde enviou ao IHGB uma série de relatórios informando a respeito de sítios arqueológicos conchíferos no litoral de Santa Catarina. Fascinado pelos vestígios escavados nestes sambaquis,¹¹ de la Hure conclui estar diante dos restos de “uma das mais antigas raças de homens do Brasil [...], pouco anterior às populações do Brasil ao momento da descoberta”. Os artefatos exumados

⁷ PENNA, Ferreira. Apontamentos sobre os Ceramios do Pará (carta ao Sr. Dr. Ladisláu Netto). *Archivos do Museu Nacional*, vol. 2, 1877.

⁸ LUND, 1950 [1844], pp. 495-496.

⁹ LUND, 1950 [1842], p. 84. Grifo meu.

¹⁰ Conde de la Hure, a despeito de sua fundamental contribuição para a arqueologia do litoral catarinense, fora solenemente ignorado pelos círculos científicos contemporâneos a eles. Suas cartas remetidas ao IHGB resultaram, como pudemos constatar, apenas em respostas formais por parte do Instituto. Sua biografia também é um ponto ainda obscuro na historiografia da arqueologia brasileira. Cf. Arquivo IHGB, Latas 15 e 341; LANGER, Johnni Os sambaquis e o império: Escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11, p. 35-53, 2001.

¹¹ Sambaqui é a palavra tupi que designa os montes artificiais de conchas, vestígios da mais antiga ocupação do litoral brasileiro.

eram o que evidenciava a distinção do povo sambaquieiro com as raças tupis, pelo uso de artefatos líticos, em vez dos de madeira.

Seu estágio evolutivo também era indicado pelas evidências arqueológicas: “A falta absoluta de animais domésticos deve ter contribuído para a manutenção deste estado social que não se elevou além da necessidade material”.¹² A origem desse povo, todavia, era rastreada pelos estudos linguísticos associados aos artefatos. Para o conde, a raça do povo que construiu os sambaquis não era autóctone, mas derivada de outras raças vindas do Egito, passando por China, Mongólia e Japão. Sendo difícil inferir a cor da pele destes antigos habitantes da costa do Brasil, o conde afirma, com parcimônia que

Estes povos provavelmente se separaram da raça na Europa dos dolmens, dos cromlechs, os hunengroeber, les jaesttestuer, nos quais se encontram objetos análogos a estes dos concheiros. Se isso é verdade, reconhecemos que as tribus do Brasil se separaram do resto da nação a uma época anterior à edificação dos monumentos de pedra, mesmo as mais antigas.¹³

Conde de la Hure supôs, já em 1864, que os sambaquis consistiam em uma edificação intencional, realizadas pelos primeiros habitantes do litoral. Essa assertiva contrariava todas as interpretações anteriores sobre os concheiros, sobre os quais se edificou e consolidou a ideia de que os sambaquis eram restos acidentais de comida, resultado da indolência indígena.¹⁴ Neste sentido, ao considerar os concheiros como “monumentos de uma civilização muito primitiva”, o conde atribuía ao povo do sambaqui a capacidade de edificar um monumento, isto é, de monumentalizar sua presença simbólica na paisagem. Peter Lund, por sua vez, não vislumbrou esta possibilidade entre aqueles indivíduos representantes da raça de Lagoa Santa, apenas constatou a existência de “diferentes graus de uma raça sem monumentos”.¹⁵

Lund e de la Hure representam duas pontas de um imbróglio da nascente arqueologia brasileira. Escavaram sítios distintos, vestígios povos distintos e elaboraram conclusões distintas a respeito dos habitantes mais antigos do território brasileiro. Entretanto, convergem em alguns pontos importantes, especialmente um: desejavam, ainda que por caminhos diversos, compreender quão capaz de viver e

¹² DE LA HURE, Conde . *Considérations sommaires sur l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca. 10 mar 1865. Arquivo IHGB, Lata 15, doc 9, p. 13, Tradução livre.

¹³ *Idem*, item iv.

¹⁴ Ver, por exemplo, MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a história da Capitania de São Vicente*. Lisboa: Typografia da Academia, 1797, p. 20.

¹⁵ LUND, 1950 [1844], p. 461.

atingir alto grau civilizatório seriam estes antigos ancestrais brasileiros.¹⁶ Esta preocupação é exposta claramente por Lund:

[...] fica, portanto provado por estes documentos, em primeiro lugar – que a povoação do Brasil deriva de tempos mui remotos, e indubitavelmente anteriores aos tempos históricos. A questão que se offerece naturalmente agora, é saber quem foram esses antiquísimos habitantes do Brasil? De que raça eram? *Qual era seu modo de vida, sua perfeição intelectual?*¹⁷

Craniometria, raça, artefatos e inteligência: “uma nova face à ciência antropológica”¹⁸.

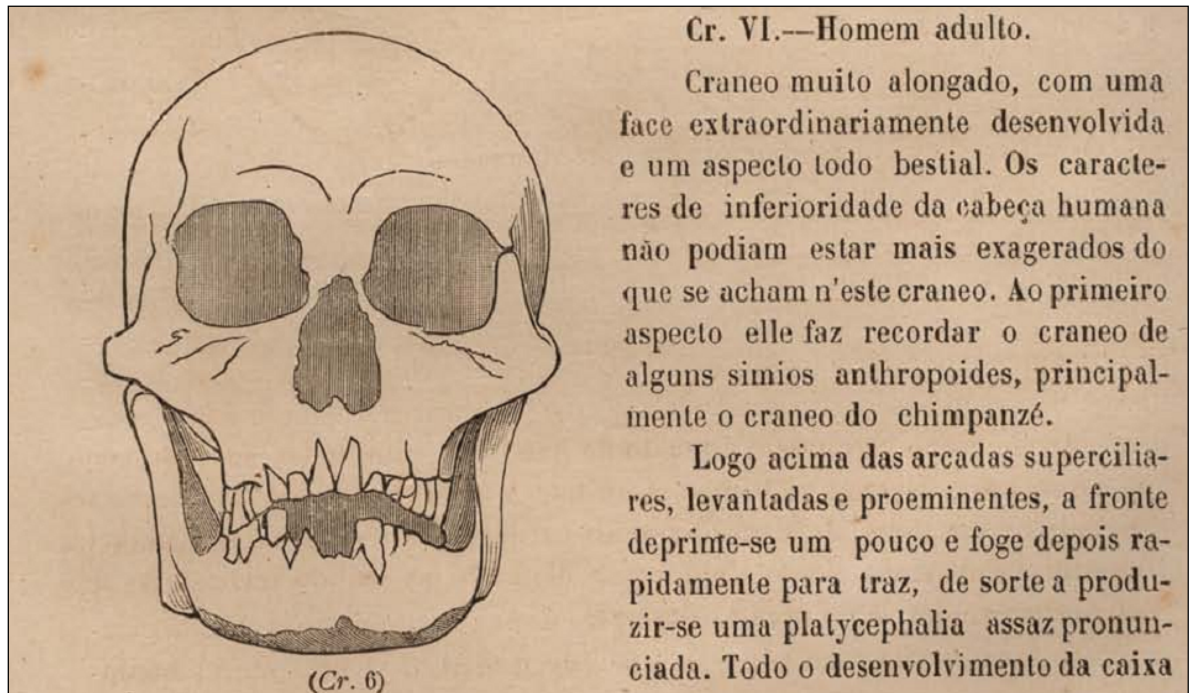


Figura 8: Trecho descritivo da coleção de crâneos do Museu Nacional. Lacerda, 1885, p. 182..

A capacidade intelectual era uma das mais importantes questões que emergiam dos estudos arqueo-antropológicos. Uma vez admitida a “abstração da inteligência como entidade única, localizada

¹⁶ Lund atribui aos esqueletos, a idade de três mil anos, graças a sua associação a ossos de animais extintos. De la Hure, ousa apenas dizer que os sambaquis são anteriores ao período da colonização. Atualmente datados pelo procedimento conhecido como C14 ou Carbono 14, tais sítios têm pelo menos cinco mil anos, para os sambaquis e perto de doze mil anos para os ossos fossilizados de Lagoa Santa. Cf. GASPAR, MaDu. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004; NEVES, Walter A.; PILO, Luís B. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.

¹⁷ LUND, Peter W. Carta ao IHGB. LUND, 1950 [1842], p. 84. Grifo meu.

¹⁸ LACERDA FILHO; PEIXOTO, Rodrigues. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indígenas do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*, vol 1. 1876, pp. 47-75.

no cérebro”,¹⁹ os crâneos exumados nas escavações poderiam fornecer fundamental suporte para tais inferências.

Nos relatórios de Lund sobre ossadas humanas fossilizadas, suas elucubrações estavam centradas, como vimos, na determinação da origem gerontogeica do antigo habitante do Novo Mundo. Para o paleontólogo, evidenciar características cranianas era uma maneira de comprovar o autoctonismo e antiguidade da *raça* cujos espécimes foram extraídos das grutas cársticas:

Sendo, como é, sufficientemente provado que o desenvolvimento da intelligencia está em relação directa com o desenvolvimento do cerebro, fica sempre a inspecção do craneo um dos meios mais seguros, sendo feita com a necessária discrição, para avaliar o grau que deve ocupar o individuo examinado, e consequentemente a *raça* a que elle pertence na escala progressiva dos entes intellectuaes. Applicado este criterio aos craneos em questão, ha de sahir a sentença muito em desfavor das facultades intellectuais dos individuos de quem derivam: nem podemos esperar grandes progressos na industria e nas artes de povos, cuja organização cerebral offerece um substrato tão mesquinho para a séde da intelligencia.²⁰

A associação da capacidade craniana com o intelecto aparece como pressuposto para Lund, assim como a existência de uma escala progressiva de inteligência. Entretanto, as conclusões sobre a capacidade intelectual dos indivíduos analisados resultavam da conjugação de dois elementos: capacidade craniana e os vestígios artefatuais associados ao esqueleto no momento da exumação, uma vez que o modo de vida era reflexo da “perfeição intelectual”, como no seguinte trecho:

Esta conclusão vem a ser corroborada pelo achado de um instrumento de imperfeitíssima construcção, junto aos esqueletos. Consiste este instrumento simplesmente n'uma pedra hemispherica de amphibolo, de dez polegadas de circumferencia, lisa na face plana, a qual evidentemente serviu para machucar sementes ou outras substancias duras.²¹

As instituições dedicadas à pesquisa científica, centradas na capital, eram o Museu Real (atual Museu Nacional), fundado em 1818 e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 1839. Enquanto ao primeiro era reservada a função de acomodar as coleções arqueológicas do Império, o outro tinha a propósito de mediar a produção intelectual sobre história, geografia e áreas afins do Brasil. Assim sendo, mesmo nas décadas posteriores a Lund até os anos de 1870, são raras as expedições arqueológicas no Brasil. Neste ínterim, as pesquisas arqueológicas realizadas por estrangeiros diletantes, membros dos círculos de *savants* da Europa, não dedicavam grande atenção a análise da inteligência dos povos nativos do Brasil.

¹⁹ GOULD, Sephen Jay. *A falsa medida do homem*. Trad. Válter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 9.

²⁰ LUND, 1950 [1842], p. 85.

²¹ *Idem*.

O cenário se altera quando a direção do Museu Nacional é assumida por Ladislau Neto.²² Este frutífero período de produção arqueológica no interior do Museu marca, para diversos autores, a primavera da arqueologia brasileira, com o início das pesquisas de cunho científico. Os relatórios publicados anualmente nos Anais do Museu assumiram de fato caráter menos generalista que as cartas de Peter Lund, do Conde de la Hure e mesmo dos apontamentos do eminente naturalista Richard Francis Burton.²³ A etnolinguística e a arqueologia ainda forneciam dados importantes para as pesquisas científicas, mas foram os estudos craniométricos, dos quais o próprio Ladislau Neto fora expoente, os alicerces das novas especulações da arqueo-anthropologia brasileira.

Os manuais científicos da antropologia apontavam a ocorrência de alguns tipos cranianos nas populações humanas. Nomes como Armand de Quatrefages, Blumenbach, Morton, Nott e Guiddom, Broca, Bancroft eram referência nos estudos sobre anatomia de crânios, fisionomia comparada e fluxos migratórios dos povos humanos. Tais autores tornaram-se referência para o estudo da antropologia brasileira e americana e também foram precursores dos estudos da antropologia criminalística. Além disso lançaram bases técnicas e científicas para a classificação do crânio do indivíduo negro como o intermediário entre os primatas e o branco anatômica e intelectualmente evoluído.²⁴

Lacerda Filho, em artigo publicado nos *Archivos* em 1876, comenta: “[estes autores] deram já o exemplo, assentando as bases de um código anthropologico, aplicado ás raças indígenas do Novo-Mundo; [...]”.²⁵ Sob sua ótica, a ciência brasileira deveria somar esforços aos dos homens de ciência da outra borda do Atlântico, contribuir com dados que confirmassem a variedade étnica dos povos do mundo e a unidade étnica dos povos americanos.

Dados minuciosos da constituição craniana dos indivíduos passam a funcionar como critério objetivo e mensurável na constatação da inteligência. Os crânios eram classificados basicamente como *ortognatas* e *prognatas*, de acordo com suas relações métricas, sendo o primeiro o parâmetro do indivíduo

22 FERREIRA, Lúcio M. Território primitivo: A institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

23 FERREIRA, Lúcio M ; NOELLI, F. Richard Francis Burton, os sambaquis e a Arqueologia no Brasil Imperial (Com tradução de textos de Burton). Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 17, p. 149-168, 2007.

24 SCHWARCZ, 1995; GOULD, 1991.

25 LACERDA FILHO, Contribuições para o estudo anthropologico das raças indígenas do Brazil. Nota sobre a conformação dos dentes. Archivos do Museu Nacional, vol.1, 1876, p. 78.

progredido racial e intelectualmente, enquanto o outro representaria os estágios mais rústicos e simiescos da conformação facial e craniana dos seres humanos.

Os *Archivos do Museu Nacional*, em sua primeira edição, de 1876, publicaram um estudo assinado por Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto, em que estes antropólogos analisam uma coleção de crâneos constituinte do acervo do Museu. Nesta coleção, reuniram-se crânios de diversas origens, como os exumados em um suposto cemitério indígena no Rio de Janeiro, atribuído ao povo Botocudo, os da caverna da Babilônia em Minas Gerais, além dos exemplares enviados ao Museu Nacional por Peter Lund e um único exemplar enviado do Ceará.

Os autores apresentam detalhadamente as medidas obtidas de caracteres considerados essenciais nos estudos craniométricos, a partir dos critérios propostos nos manuais de craniometria. Concluem que a raça americana é predominantemente *dolicocéfala*, apesar de alguns crânios da série apresentarem sinais de cruzamento de uma ou mais raças. Sobre os Botocudo, povos em vias de desaparecimento no século XIX, sobre o qual os relatos etnográficos apontavam elevado grau de selvageria,²⁶ Lacerda Filho e Rodrigues apenas confirmam com dados da craniologia os pressupostos que dominavam os círculos da ciência. Em suas palavras,

Pela sua pequena capacidade craneana os Botocudos devem ser colocados a par dos Neo-Caledonios e dos Australianos, isto é, entre as raças mais notáveis pelo seu grão de inferioridade intelectual. As suas aptidões são, com efeito, muito limitadas e difícil é fazel-os entrar no caminho da civilização.

Ou seja, assim como Lund, a constatação do estágio de barbárie dos Botocudo servia como informação complementar àquela fornecida pelo estudo de crânios de indivíduos dessa população.

Ladislau Neto é também autor de um ensaio dedicado a analisar a coleção de tembetás (os adornos labiais utilizados por diversos povos indígenas) do Museu Nacional, conferindo-lhes um alto valor estético e considerando a particularidade do gosto estético de cada povo:

²⁶ Segundo Manuela Carneiro da Cunha, é possível encontrar no século XIX duas categorias genéricas de classificação dos indígenas brasileiros: “bravos” e “domésticos”, termos que evidenciam a “ideia subjacente de animalidade e errância”. Outras categorias são os Tupi e Guarani, grupos virtualmente extintos, ou supostamente assimilados; e os Botocudo, o índio vivo, sobre o qual se destaca sua ferocidade. “Neste século de grandes explorações, o Botocudo não é o único índio que interessa à ciência, mas é sem dúvida o seu paradigma”. CUNHA, Manuela C. da. Política indigenista no século XIX. In: _____ (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, pp. 135-136.

Nenhuma parte do corpo humano sofreu nunca maiores lesões do que a cabeça e mais particularmente a face entre as nações que em todos os tempos têm povoado a superfície da terra. Lesões exigidas pela idéa, mais ou menos exagerada, mais ou menos excêntrica, de um bello, mais que relativo.

Contudo, mesmo a percepção estética “mais que relativa” está sujeita ao processo civilizador.

[...]Está a muitos e justos títulos neste caso toda a variedade de lesões, mutilações ou simples disfarces á que vemos sujeita a face humana, por uma usança hereditária adstricta ao gosto barbaro de barbaros do passado ou de civilisados que se dizem do presente.²⁷

A depressão frontal dos crânios exumados em território brasileiro, também constatada pelos demais autores que se dedicaram à craniometria, com Ladislau Neto, ganha foros antropológicos. Ora, se o belo é relativo, possivelmente o prognatismo craniano seria referência estética de beleza para os bárbaros nativos americanos.

A conformação neanderthaloide e, em certo grau, prognata dos craneos daquelles antigos americanos, offerece realmente o maior contraste com o perfil ultra-orthognatha do typo mais perfeito que sonhára ou idealisára o engenho grego, mas que nunca tivéra, para seu exagêro, modelo efficiente na raça humana. Deste confronto deduz-se immediatamente que toda a perfeição dos referidos americanos consistia na depressão ou inclinação anterior do craneo, ao passo que a dos hellenos exigia o maior desenvolvimento na região frontal e parietal da caixa craneana.

O que se poderia esperar de um povo que persegue e imita a estética bárbara dos povos mais primitivos, as conformações cranianas prognatas e “pitecoides”? Ou, nas palavras do autor, “a qual destes dous typos poder-se-ha em rigor conceder a palma da supremacia?”²⁸.

A ciência craniológica, pretensamente objetiva, valeu-se de informações diretas da arqueologia, dos artefatos encontrados nos sepultamentos escavados, da etnologia retratada por viajantes naturalistas, mas também por caracteres muito subjetivos, como refinamento estético, inserido em critérios evolutivos. Mais que informações complementares, estes dados indiretos eram postos lado a lado aos números extraídos das medições, gerando conclusões a respeito da composição das raças dos povos nativos, sua capacidade intelectual e, principalmente, sobre seu estágio no processo evolutivo.

Estas adaptações eram necessárias, pois, quando os padrões cranianos não se apresentavam conforme esperado, os materiais arqueológicos líticos e cerâmicos confirmavam a rusticidade do povo

²⁷ LADISLAU NETO, Apontamentos sobre os tembetás (adornos labiaes de pedra) da collecção archeologica do Museu Nacional. *Archivos do Museu Nacional*, vol. 2, 1877, p. 109.

²⁸ LADISLAU NETO, 1877, pp. 110, 115, 117.

em questão. O alto nível de mestiçagem, o “cruzamento adiantado”²⁹ também explicava a ausência de caracteres puros em diversos exemplares das amostras cranianas.

Por um lado, a indústria arqueológica, os vestígios artefatuais acusavam o *status* da raça americana. Por outro, havia os Botocudo, que permaneceu em todas as análises como representantes do grau mais inferior na marcha civilizatória. Ao compará-los com os povos dos sambaquis escavados em Santa Catarina, o professor estadunidense Carlos Hartt disse que “o facto de que tal povo [sambaquieiro] sabia fazer louça tosca, mostra que tinha elle dado um grande passo para a civilização, e a este respeito era muito mais adiantado do que os Botocudos, que, segundo julgo, não fazem uso de louça”.³⁰

Com o passar dos anos, as publicações sobre craniometria nos *Archivos do Museu Nacional*, seguem tal tendência, de diferenciar as raças existentes no território brasileiro no período anterior à colonização, valendo-se da arqueologia para realizar inferências sobre o intelecto dos antigos. João Batista de Lacerda é outro antropólogo que, assim como Lund e Ladislau Neto, procura evidência de monumentos do passado. Para ele, a capacidade de erguer monumentos estava diretamente conectada a um adiantamento cerebral e civilizatório:

*A diversidade e a irregularidade de fórmias que apresentam os sambaquis [...] prova que nenhum pensamento presidiu as taes formações [...]. Nos monumentos levantados, ainda pelos povos menos civilizados, existe sempre consubstanciado um pensamento, o qual se traduz por modelos ou formas mais ou menos correctas[...]. Si os inábeis constructores dos sambaquis, d’essas obras grosseiras, sem fórmias regulares e prefixas, houvessem querido materializar um pensamento qualquer, tal pensamento ter-se-hia certamente fundido em outros moldes talhados com uniformidade e um certo cunho artístico.*³¹

E continua:

Nas manifestações da atividade cerebral humana, sob o ponto de vista da arte ou da indústria, há, é verdade, uma infinita gradação que escende desde o mais infimo representante da espécie até o mais portentoso produto d’ella. Desde o Australio e o Tasmanio, quase nivelados ao bruto, até o artístico cérebro de Miguel Angelo ou de Raphael, que innumeradas modalidades, que gradações infinitas para a concepção da beleza e da regularidade das fórmias!³²

Partindo deste pressuposto, em estudo analítico que impressiona tanto pela minúcia descritiva, quanto pela avaliação resultante, Lacerda inicia a descrição de uma série crânios, descontextualizado da produção artefactual associada. Os termos técnicos, quase ininteligíveis para um leigo, são acompanhados

²⁹ PENNA, Ferreira. Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. *Archivos do Museu Nacional*, vol. 1, 1876.

³⁰ HARTT, Carlos. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, vol. 6, 1885, p. 4.

³¹ LACERDA, João Batista de. O homem dos sambaquis (contribuição para a anthropologia brasileira). *Archivos do Museu Nacional*. vol.6, 1885, p. 179. Grifo original.

³² *Idem*, p. 180.

das seguintes observações, bastante compreensíveis: “a face é massiça, num aspecto brutal”; “a aproximação com o tipo bestial é evidente neste indivíduo”, “dimensões colossaes, espessura fenomenal”.

Ao cabo do artigo, evoca a figura referencial do Botocudo para concluir que

Tudo pois, nos leva a admitir que este typo [...], ocupava um nível muito baixo na escala humana; e que ele pode ser equiparado aos povos mais selvagens que hoje conhecemos. Entre estes há um com o qual o typo dos sambaquis oferece as maiores analogias morfológicas do craneo: são os Botocudos.³³

Considerações finais.

Os dados fornecidos pela análise craniana, como procuramos demonstrar, não representavam para estes autores um elemento definitivo na inferência sobre a capacidade intelectual dos indivíduos exumados. As informações recolhidas a partir das escavações e da etnografia eram fundamentais na formulação de tais hipóteses. O indivíduo que, por quaisquer razões – mestiçagem, deformação artificial, sexo, característica individual, *etc.* –, apresentasse conformação craniana fora dos padrões sugeridos pelos manuais de antropologia e/ou craniometria, seria submetido à avaliação de sua produção artefactual, ou seja, daquilo que era capaz de criar e fabricar.

Isto porque estes antropólogos não partiram para campo sem pressupostos. Para além das medidas craniométricas, indicadora das raças, havia estabelecida a ideia de que os crânios exumados pertenciam a uma raça inferior, distinta da raça branca europeia, porque intelectualmente incapaz de edificar monumentos, de produzir artes e literatura, e até mesmo de possuir pensamento complexo. Caracteres que a mestiçagem não pode corrigir.

O tempo recente ou recuado também não era fator determinante. Se os autores que analisamos discordaram em relação às datações inferidas dos vestígios escavados – a variação é de três mil anos em Lund até cem anos para Lacerda –,³⁴ por outro lado eram uníssonos ao afirmar que pouco poderia se esperar da capacidade evolutiva dos nativos americanos. Isto significa que fossem os povos nativos autóctones ou migrantes, pré-diluvianos (ou pré-históricos) ou contemporâneos, a eles jamais seria conferido o *status* de paridade com os povos de referência, qual seja, o *homem* branco europeu.

³³ LACERDA, 1885, p. 202.

³⁴ LACERDA, 1885.

Os intelectuais brasileiros que se dedicaram aos estudos craniométricos edificaram importante legado à antropologia física de fins do século XIX e início da centúria posterior, especialmente aos estudos criminalísticos. A questão racial ganhou fôlego no interior de instituições de pesquisa e o fator raça tornou-se determinante de características não só intelectuais, mas também morais.³⁵ A ciência produzida no contexto da abolição da escravidão e eminência da república acomodava a ideologia racista, vestindo-se de uma cruel interpretação social.

A ciência craniométrica não teve, todavia, influência tão determinante nos estudos realizados a partir das coleções arqueológicas do Museu Nacional. O pressuposto da superioridade europeia tampouco esteve assentado em balizas puramente ideológicas. Ao contrário, o patrimônio e a cultura material associada aos povos submetidos à análise eram sim fator determinante, e este método dedutivo inaugurado por Lund, ressoou em todos os estudos arqueológicos do período. Nos relatórios de tais pesquisas, encontramos mais a tentativa de justificar o *pressuposto* da inferioridade das raças nativas, que as evidências da tal inferioridade pressuposta.

Estes estudos publicados nas revistas de ciência no Brasil, especialmente na *Archivos do Museu Nacional*, que analisamos, evidenciam um importante ponto de contato entre a arqueologia e as ciências médicas e naturais em meados do século XIX. Ainda que com propósitos distintos, estas áreas conformaram um *corpus* de conhecimento a partir do qual se solidificou toda uma ideologia racializante e racista, consonante com os valores da época, porque revestida da cientificidade que naturalizava a situação marginal reservada à população negra e indígena no Brasil. A arqueologia praticada no Brasil neste período também foi protagonista na construção desta imagem bestializada de parte significativa da população brasileira, enraizada no senso comum, reproduzida nos círculos científicos, manuais didáticos, mídia e literatura das décadas posteriores.

Bibliografia.

CUNHA, Manuela C. da. Política indigenista no século XIX. In: _____ (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, pp. 135-136.

³⁵ SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 - 1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

DARWIN, Charles. *On the Origin of species by means of natural selection*. Londres: John Murray, 1859.

DE LA HURE, Conde . *Considérations sommaires sua l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca. 10 mar 1865. Arquivo IHGB, Lata 15, doc 9.

FERREIRA, Lúcio M ; NOELLI, F. Richard Francis Burton, os sambaquis e a Arqueologia no Brasil Imperial (Com tradução de textos de Burton). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 17, p. 149-168, 2007.

FERREIRA, Lúcio M. *Território primitivo: A institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

GASPAR, MaDu. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GOULD, Sephen Jay. *A falsa medida do homem*. Trad. Válter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

INGOLD, Tim. *A Evolução da Sociedade*. In: FABIAN, C. (org.) *Evolução: Sociedade, Ciência e Universo*. Bauru: EDUSC, 2003.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?(Aufklärung)*. In: *Textos Seletos*. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

LACERDA FILHO, *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil*. Nota sobre a conformação dos dentes. *Archivos do Museu Nacional*, vol.1, 1876.

LACERDA FILHO; PEIXOTO, Rodrigues. *Contribuições para o estudo anthropologico das raças indígenas do Brazil*. *Archivos do Museu Nacional*, vol 1. 1876.

LADISLAU NETO, *Apontamentos sobre os tembetás (adornos labiaes de pedra) da collecção archeologica do Museu Nacional*. *Archivos do Museu Nacional*, vol. 2, 1877.

LANGER, Johnni *Os sambaquis e o império: Escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11, p. 35-53, 2001.

LUBBOCK, John. *Pre-historic times, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages*. Edimburgo; Londres: Williams and Norgate, 1865.

LUND, Peter W.. Memórias sobre a Paleontologia Brasileira. Revisão e Comentários: Carlos de Paula Couto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; Instituto Nacional do Livro, 1950.

LYELL, Charles. Principles of geology. 1ª ed. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1990. 2 vol..

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. Memórias para a história da Capitania de São Vicente. Lisboa: Typografia da Academia, 1797.

NEVES, Walter A.; PILO, Luís B. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.

PENNA, Ferreira. Apontamentos sobre os Ceramios do Pará (carta ao Sr. Dr. Ladisláu Netto). Archivos do Museu Nacional, vol. 2, 1877. LACERDA, João Batista de. O homem dos sambaquis (contribuição para a anthropologia brasileira). Archivos do Museu Nacional.vol.6, 1885.

SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 - 1930). São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

VARNHAGEN, Francisco A. de. História Geral do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1978 [1854].

WILSON, Daniel. Prehistoric Man: Researches into the origin of civilisation in the old and the new world. 2 vol. Cambridge: Macmillian and Co., 1862